

CARTA DI MERCA



Texto: ZÉ ÁLVARO (Boston, USA)

ADEUS, ATLETA DE DEUS, CAMPEÃO DO HUMANISMO E DA FÉ

O Papa João Paulo II é, para mim, a personalidade mais marcante da história deste século na Igreja e no mundo. Figura controversa para alguns, ele era firme na defesa e comunicação da fé, e ao mesmo tempo, aberto para dialogar e provocar o mundo ateu, para reconhecer os valores das demais Igrejas cristãs, das grandes religiões do mundo, enfim, sempre apostado na transmissão da esperança a cada ser humano que ele definiu ser 'o caminho de Deus'. O Papa que veio do Leste foi fiel ao seu estilo e pensamento até ao fim, porque quis ser fiel a Cristo e à Missão de Pedro. Chamam-no pejorativamente conservador. Mas ainda bem que a maior parte o chama de Pai, amigo e irmão. Onde estão os progressistas? O que fizeram para o mundo que tem mais valor do que o que fez este "Conservador"?

Figura de eclética formação humana, cultural e teológica, o papa Wojtyła foi capaz de equilibrar brilhantemente a função de pastor, pai e mestre de forma amiga, dialogante, firme e absolutamente cativante, criativo e inteligente. De facto este atleta de Deus, um 'corredor de todos os estilos' venceu a corrida, chegando à meta cansado, mas tranquilo no sentido de ter feito o que devia fazer: procurar todo o mundo que Deus ama, porque, como disse certa vez a uma criança que lhe perguntou porque viajava tanto: Viajo porque todo o mundo não está aqui em Roma. As manifestações de carinho e de respeito ao Papa mostram o fruto do seu ministério de 'construtor da unidade' e das centenas de viagens que ele fez aos quatro cantos da Terra.

Penso em João Paulo II como um campeão do humanismo que integrou a força da dimensão espiritual da fé, arauto da verdadeira liberdade e um intransigente defensor da dignidade humana.

Como hábil autor e sábio comunicador, ele abria fronteiras por palavras faladas e escritas (falava fluentemente 8 línguas e podia ler mais de 50), e sobretudo pela vida que gerava imagens carregadas de sentido humano e cristão. Nos seus discursos pelo mundo, ele bateu nestas teclas fundamentais da vida humana, acordou muitas consciências, despertou para o valor da fé também em Cabo Verde onde disse que a fé é o farnel para a caminhada do homem no mundo. Sem dúvida, um Papa amigo dos jovens, exigente, porque aponta o absoluto de Deus. Desafiou sem parar os 'caríssimos jovens' a não se conformarem com nenhuma ideologia de poder, prazer e do dinheiro porque escravizam quem Deus libertou em Jesus Cristo. O campeão da liberdade que destronou o comunismo ateu na Polónia, na Europa e no mundo, e por amar os jovens, desafiava-os a buscarem Jesus Cristo e os nobres ideais da justiça, da Paz radicada na tolerância e no respeito à dignidade de cada ser humano.

A Igreja e a sociedade deram um salto de qualidade com a acção pastoral do Papa polaco, João Paulo II, o Papa que veio de longe e se fez tão fraterno, um membro de cada família, eu diria. Tendo a Missão de S. Pedro e a visão e coragem apostólica de S. Paulo, ele visitou nações do mundo e entrou em cada coração com uma suave e determinante proposta de Amor a Deus. Ensinou que a política está a serviço do bem comum e testemunhou veementemente que só é grande quem serve, ama e perdoa seu irmão. João Paulo II é visto como grande porque se fez pequeno. Parafraseando S. Agostinho, João Paulo II foi um Papa para nós e irmão entre nós. Irmão de todos. Não será por isso mesmo que até seus adversários o admiram? Mas porque será também que alguns teimam em tapar o sol com a peneira?

Quando o Papa foi só nosso

Ele veio semear a fé, o amor, o diálogo, a valorização do ser humano. E a sua determinação em fazer nas ilhas a sementeira mais bonita contou, há 15 anos atrás, com uma mãozinha de Deus, de quem ele sempre procurou estar próximo e transmitir a sua palavra. Pouca gente se lembra, mas onde João Paulo II pisou, a chuva amiga veio com ele. Foi assim na Praia, foi também em São Vicente e ninguém imaginava, sobretudo pela época do ano, mas sim, fez-se chuva fina, daquela que vem para beijar a terra, também no Sal.

Para os mais crentes essa era a prova de um milagre, de que só uma pessoa verdadeiramente tocada por Deus era capaz. E mesmo para os menos crentes, a própria presença do representante máximo da Igreja Católica em Cabo Verde foi vista, de certa forma, como uma bênção. Fez casar o presidente da República Aristides Pereira e a sua esposa Carlina Pereira segundo as leis da Santa Igreja, levou Ana Maria e David Hopffer Almada ao altar e mesmo os dirigentes que nunca esconderam o seu lado ateu acorreram a Quebra-Canela para ouvir a sua mensagem de Dignidade, Paz. Falou a todos da necessidade de lutarmos pela vida e pela liberdade com justiça social, lutando contra a pobreza e pela liberdade humana. E ninguém antes de João Paulo II conseguiu colocar tanta gente na rua de forma tão ordeira. A enchente, sobretudo em Quebra-Canela era tal que o próprio Bispo D. Paulino Évora reconhece que estremeceu diante daquela imagem.

Sim, porque a semente da paz e do amor que o Papa Globalizado trouxe consigo, tal como sempre fez em cada país que visitava, encontrou aqui terreno fértil. Sem pressa, sem

barulho, sem confusão, todos procuravam, quer em Quebra-Canela, quer em São Vicente ou na ilha do Sal, um lugar mais próximo do Papa, como se todos fôssemos irmãos em busca do pai. Uma busca que se transformou em verdadeira festa no encontro de João Paulo II com os jovens, no Gimno-Desportivo, a fechar um dia que foi uma verdadeira maratona de fé. E nem o susto provocado por cerca de dois minutos sem energia eléctrica - mesmo com todo o historial de tentativas contra o Papa - serviu para tirar a energia da comunhão entre Deus e os homens.

Ali, na que foi, talvez, a maior demonstração da religiosidade dos jovens cabo-verdianos, a mensagem de João Paulo II - "*Permaneça, portanto, firmes na fé! Vive-a com simplicidade e com sinceridade! Deixai que seja o próprio Jesus Cristo a definir a vossa existência e a orientar as vossas escolhas, de modo que as relações entre vós correspondam sempre, e sem lapsos de continuidade nem evasões, ao modelo da caridade de Cristo*" - até pareceu redundante.

Hoje, quando recordamos aquele ano de 1990, em que o Papa João Paulo II foi, por alguns dias, só nosso, e numa altura em que Cabo Verde volta, infelizmente, a estar na rota de coisas tão ruins como foi a escravatura no passado - algo a que João Paulo II se referiu

na sua Homilia em Quebra-Canela - é sempre bom refrescar as nossas esperanças com as palavras que ele semeou em meio aos jovens. Recapitulando o Papa, naquele ano de 1990, "*a fé não rebaixa a dignidade do homem. Pelo contrário, proporciona à nossa inteligência os elementos suficientes para respondermos cabalmente às interrogações que nos angustiam. A fé leva-nos a conhecer a verdade definitiva das coisas, das pessoas e de Deus*". Por isso quando a Cabo Verde chegou a notícia da sua morte o país vestiu-se de luto e rezou para a sementeira que deixou nestas ilhas floresça e dê frutos.



Comunidade de Boston em oração pelo Papa

As exéquias do Papa João Paulo II, que acontecem hoje, sexta-feira, em Roma, serão acompanhadas em oração e com emoção pela comunidade cabo-verdiana residente em Boston, a partir da Igreja de St Patrick. Desta forma, o Padre José Álvaro acredita que os católicos estarão em comunhão profunda com o Sumo Pontífice que, ao longo da sua vida, defendeu que a Igreja é o Povo de Deus e é possível mudar o mundo pela fé.

A notícia do passamento do Papa não constituiu uma surpresa para a comunidade cabo-verdiana nos Estados Unidos porque, afirma o Pe José Álvaro, esta acompanhou de perto e com viva emoção a etapa final da vida de João Paulo II. E assim, logo que souberam da morte de João Paulo II, afluíram em massa à Igreja para se recolherem em oração, a título pessoal, no terço comunitário e em cada eucaristia. "*Houve uma forte participação de católicos na missa vespertina de sábado e domingo últimos. Via-se a tristeza a invadir o coração de todos. Ao mesmo tempo aquele conforto de saber que ele foi realmente um Papa especial, homem de fé e amigo de todos, independentemente da raça, cor, sexo, religião ou cultura. Foi lembrado carinhosamente como o Papa que visitou Cabo Verde e deixou no povo imagens e mensagens que o tempo dificilmente apagará*", indica o Pe. Álvaro, para quem isso é um sinal de que a Igreja St Patrick está em comu-



nhão com Cabo Verde e ora para que as portas do céu se abram para este amigo das ilhas.

Hoje, sexta-feira, e em jeito de agradecimento, o Pe Álvaro aguarda mais uma enchente na Igreja de St Patrick, altura em que a comunidade renderá uma grande homenagem ao Santo Padre com uma tarde de oração, seguida de uma eucaristia solene. "*Teremos momentos de oração silenciosa, terço, e no fim a missa solene. É dia de trabalho, mas contamos com centenas de fiéis e já foi preparado um quadro grande do Papa perto do qual as pessoas poderão acender pequenas velas e colocar flores*", informa.

Para que a presença dos católicos corresponda às expectativas e grandeza de João Paulo II, ao longo da semana as rádios comunitárias passaram excertos do discurso do papa em Cabo Verde. Também foram afixados avisos nos pontos de concentração de cabo-verdianos em Boston. A par desses actos espirituais, na sexta-feira o programa comunitário transmitirá um especial, com entrevistas de cabo-verdianos e do Pe Álvaro, gravado pela equipa da Cabozoom.

Também em Brockton, cidade com uma significativa comunidade imigrada de Cabo Verde, realizou-se uma celebração no domingo, em memória do Santo Padre.



Igrejas solidárias com os católicos

É quase unânime o sentimento de solidariedade dos líderes das outras igrejas cristãs, e não só, representadas em Cabo Verde para com a perda sofrida pelos católicos com a morte do Papa João Paulo II. Escusam-se a comentar a eleição do próximo Papa, por considerarem ser este um assunto que diz respeito unicamente aos católicos, mas reconhecem o grande ministério de João Paulo II a favor da paz mundial, da família e do ecumenismo.

“A morte do Papa João Paulo II é uma grande perda para a Igreja Católica e solidarizamo-nos com os católicos nesta hora”, diz o Pastor António dos Anjos, dirigente da Igreja Adventista de São Vicente, reconhecendo que o Papa polaco “foi um grande líder político e teve uma intervenção muito valiosa em diversas áreas, sobretudo a favor da paz e da família”. O Pastor António dos Anjos destaca ainda do Pontificado de João Paulo II, o trabalho que ele fez no domínio do ecumenismo, “fazendo um grande esforço para a união das religiões, particularmente as cristãs”.

Um dom que é também destacado pelo líder do Centro Redentor, João Lima: “João Paulo II não fez guerra a ninguém, muito

pelo contrário, sempre procurou a união entre todas as religiões”. Lima, que se refere ao Papa no seu livro editado no início deste ano, considera que “com a sua eleição ao Papado, João Paulo II veio renovar as palavras de Cristo no exacto momento em que o mundo precisava de paz”. Daí que, para o Racionalismo Cristão, o Papa polaco era “um renovador, um homem excepcional, um grande espírito, que teve um trabalho muito positivo a favor da humanidade”.

A Igreja do Nazareno, por sua vez, na pessoa do seu superintendente, Reverendo David Araújo, apresentou pessoalmente os sentimentos de condolências pela morte do Papa João Paulo II a D. Paulino Évora, bispo da Praia, cabendo a mesma missão no Mindelo ao Reverendo Socorro Fontes, que se deslocou à residência de D. Arlindo Furtado para demonstrar solidariedade aos católicos de Barlavento. De acordo com o superintendente da Igreja do Nazareno de Cabo Verde, que tem procurado estabelecer relações mais próximas com a Igreja Católica, João Paulo II enquadra-se perfeitamente nas declarações feitas por Josué Campanhã no seu livro sobre liderança, segundo as quais “não vale a pena ser líder

apenas para ter a sua foto incluída na galeria de ‘ex-líderes’ de uma organização. É preciso marcar época”.

E por isso, afirma o Reverendo Araújo, “incontestavelmente o Papa João Paulo II marcou a sua época, os séculos XX e XXI”, deixando marcas do seu pontificado “no campo social, com o combate a regimes totalitários e sistemas injustos”. Mas, também, afirma o líder máximo dos nazarenos de Cabo Verde, o Pontificado de João Paulo II destaca-se pela “abertura em reconhecer erros do passado” e pelo “pedido de perdão e as vias de diálogo que facilitou com as diversas religiões do mundo, fazendo sobressair a sua figura no campo religioso”. E a perseverança e a tenacidade em levar o seu Pontificado até ao fim, “reafirmam ao mundo e aos homens a importância da luta diária e consagrada a valores que ultrapassam este mundo”.

Muito menos expansiva nas declarações, a organização das Testemunhas de Jeová, na pessoa do missionário Fernando Silva, declara “entender o sentimento de perda dos católicos, pois não somos insensíveis ao estado de espírito das pessoas

que perdem um ente querido”. Ainda assim, Silva destaca o empenho de João Paulo II a favor da paz no mundo, ressaltando entretanto que “esse é um problema que só será solucionado com a vinda do Reino de Deus e não por força do homem, por mais nobre que seja”. E, apesar das notícias que dão conta do trabalho de João Paulo II para aproximar as religiões, Fernando Silva afirma que em relação às Testemunhas de Jeová “nunca houve nenhum movimento no sentido de aproximação de nenhum dos lados, porque temos crenças e cultos diferentes”.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, por sua vez, apresenta os seus sentimentos de pesar aos “irmãos católicos” por avaliar, segundo Romeo A. Piros, presidente dessa igreja, que “o Papa João Paulo II trabalhou arduamente para levar avante a causa da cristandade, para aliviar o fardo dos pobres e falar destemidamente sobre os valores humanos e a dignidade”. Daí que, afirma Piros, “é uma grande perda e sentiremos sua falta, principalmente aqueles que seguiam a sua liderança”.

Teresa Sofia Fortes

Muçulmanos rezam pelo Papa

Desde que tomou conhecimento da morte do Papa João Paulo II a comunidade muçulmana residente na Praia tem vindo a rezar, não só pela alma do Santo Padre como também para que a Igreja Católica encontre um substituto à altura do Sumo Pontífice, um mensageiro da paz, para dirigir os destinos da Igreja Católica no mundo. Apesar de estar à espera do desaparecimento físico de

João Paulo II, a comunidade muçulmana ficou consternada quando foi anunciada a morte deste Papa. E enquanto esta notícia se tornava manchete em todo o mundo, os cerca de trezentos muçulmanos residentes na capital reuniam-se para rezar pela alma de Sua Santidade.

De acordo com o Iman da Mesquita de Safende, Aladji Mamadu, “quando soubemos desta informação rezámos

pela sua alma. É que o Papa era um homem digno e sempre procurou a paz entre os homens e as famílias. Também fizemos uma oração para que a Igreja Católica encontre alguém igual que o possa substituir”.

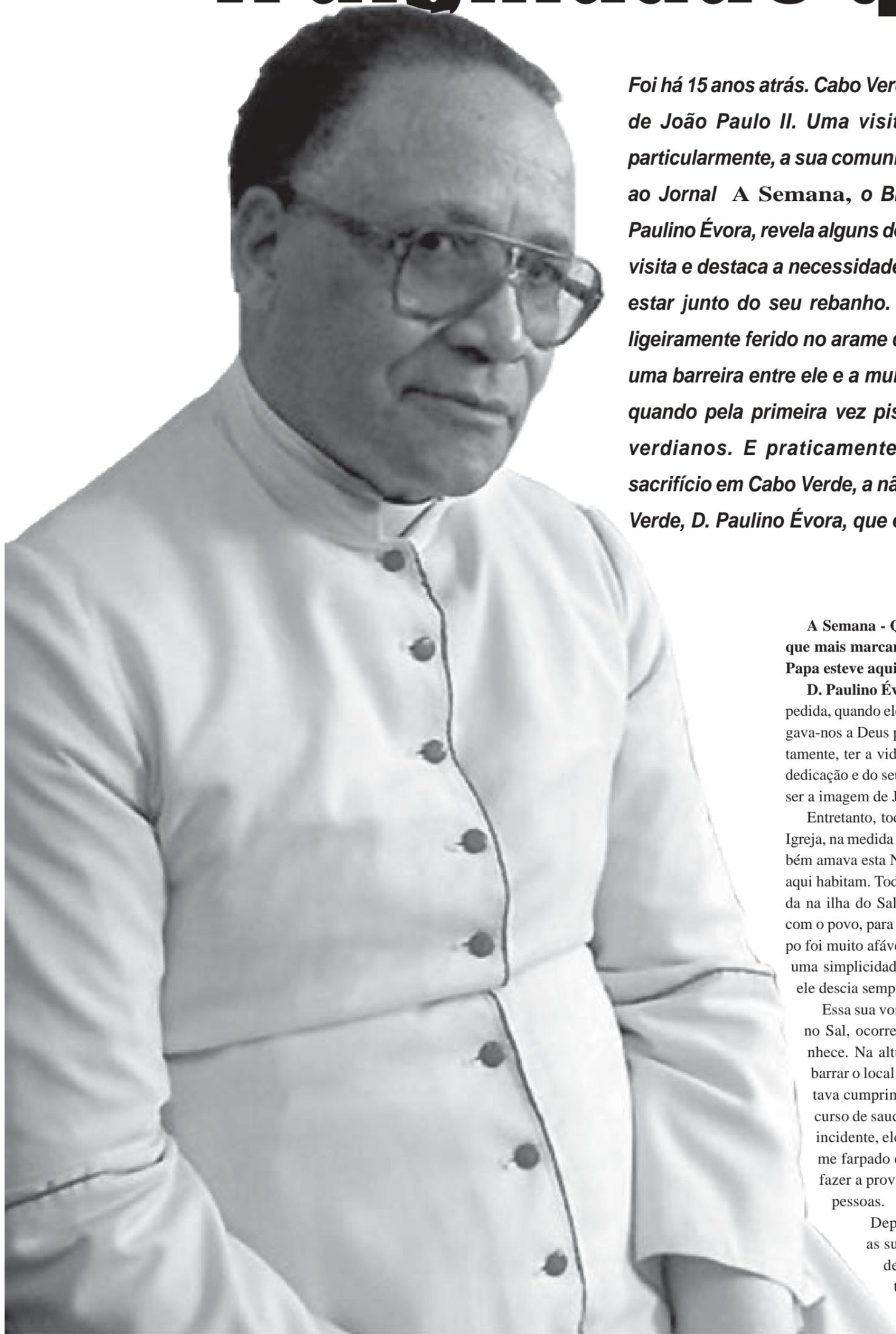
Aladji Mamadu Djau avança, ainda, que desde que João Paulo II assumiu o cargo papal, a sua missão foi aconselhar a humanidade, independentemente da religião. Pro-

va disso é que o Sumo Pontífice mandava mensagens de paz aos líderes muçulmanos de todos os países. Também na altura da guerra no Iraque manteve contactos com o Presidente norte-americano George Bush para que ele não levasse adiante a guerra contra aquele país muçulmano.

E para hoje, dia das exéquias, Mamadu Djau garante que vai haver uma oração para que “Deus receba-o com alegria”.



A dignidade que ma



Foi há 15 anos atrás. Cabo Verde recebia, em júbilo, a visita de João Paulo II. Uma visita que marcou a Nação e, particularmente, a sua comunidade católica. Em entrevista ao Jornal A Semana, o Bispo de Santiago Menor, D. Paulino Évora, revela alguns detalhes dos bastidores dessa visita e destaca a necessidade que o Papa sempre teve de estar junto do seu rebanho. Nem que para isso ficasse ligeiramente ferido no arame que o cercava e lhe impunha uma barreira entre ele e a multidão que o aclamou no Sal, quando pela primeira vez pisava e beijava o solo cabo-verdianos. E praticamente ninguém percebeu esse sacrifício em Cabo Verde, a não ser o então Bispo de Cabo Verde, D. Paulino Évora, que estava ao seu lado.

A Semana - Quais foram os momentos ou palavras que mais marcaram a Igreja de Cabo Verde quando o Papa esteve aqui?

D. Paulino Évora - A meu ver foi no momento da despedida, quando ele nos disse: - *"Fiquem com Deus"*. Entregava-nos a Deus porque sabia que a nossa função era, justamente, ter a vida entregue a Deus, naquela linha da sua dedicação e do seu empenho no sentido de fazer o Homem ser a imagem de Jesus Cristo, a imagem de Deus.

Entretanto, toda a sua passagem por aqui marcou esta Igreja, na medida em que ela foi uma prova de que ele também amava esta Nação, este país, os cristãos e o povo que aqui habitam. Todo o percurso que fez, desde a sua chegada na ilha do Sal, foi uma demonstração de apreço para com o povo, para com as autoridades. Durante todo o tempo foi muito afável, muito atencioso, muito aberto. E com uma simplicidade tal que, depois dos discursos oficiais, ele descia sempre até ao povo para o saudar.

Essa sua vontade de estar junto do povo levou a que, no Sal, ocorresse um pormenor que pouca gente conhece. Na altura, a segurança teve a infeliz ideia de barrar o local com arame farpado. Quando o Papa tentava cumprimentar as pessoas, depois de fazer o discurso de saudação, ele feriu um dedo. Mas, apesar do incidente, ele não baixou as mãos, e por cima do arame farpado continuou a cumprimentar as pessoas, a fazer a prova desse carinho que ele tem para com as pessoas.

Depois, aqui na Praia o mesmo gesto. Após as suas obrigações oficiais, digamos assim, desceu de cima do patamar, no aeroporto, para saudar as pessoas com aquela afabilidade e aquele carinho que todos lhe reconhecemos. A maneira afável

recoeu João Paulo II

de aproximar-se das pessoas prosseguiu na Praia. No bispado, sempre que saía ou entrava quebrava o protocolo, cumprimentando, com toda a simplicidade, as crianças que as mães traziam ao colo e até os doentes que saíram do hospital para virem até aqui cumprimentá-lo. Gestos que se repetiram em São Vicente. Este seu aproximar do povo, essa sua simplicidade, esse seu carinho, que era natural, significam, justamente, que manifestava a sua atitude de pai, de pessoa amiga, que passava a impressão de nos conhecer há muito.

Entretanto, em Quebra-Canela, toda essa informalidade não foi possível, devido à enchente que se concentrava no local. Lembro-me que quando cheguei lá e vi toda aquela multidão estremei. Eu e os seguranças que iam comigo olhámo-nos diante de toda aquela massa humana e tremi de medo perante a sua força. Mas, felizmente tudo correu bem e, após a missa, o Papa veio ao bispado tomar qualquer coisa, descendo imediatamente a seguir para o Gimno-Desportivo, para aquela saudação que fez aos jovens demonstrando que veio cumprimentar os cristãos e as pessoas do país através daquelas pessoas que estavam aí.

Uma outra situação que me marcou foi quando ele deixava o país e ia a caminho do aeroporto. Na altura exclamou, num tom grave: “*Sim senhor, muita dignidade, muita dignidade*”. Uma frase que significava o seu sentimento de ter sido recebido como um amigo, como um pai e também com muita dignidade, apesar dos nossos escassos meios. São essas facetas, a sua simplicidade e a sua amabilidade que me marcaram.

- Depois da sua visita, ele continuou a acompanhar os passos da Igreja em Cabo Verde?

- Naturalmente, por ofício e pela abertura que ele sempre cultivou. Como sabe, nós bispos, temos a visita *Ad Limina Apostolorum* (aos Limiares das Portas de São Pedro), que fazemos de cinco em cinco anos ao Vaticano para nos encontrarmos com o Papa e, naturalmente, levar um relatório. E, nessas visitas, passou a ser costume ele convidar os bispos para uma refeição. Calhou, uma vez, que eu fui sozinho e tomei a refeição com ele sozinho, à noite. Quando foi o Sínodo Africano ele recebeu os bispos que falavam português, de uma outra vez juntou outro grupo indiscriminadamente, mas cada dia tinha um grupo de bispos que tomavam uma refeição com ele. Algo que é um exemplo da sua aproximação com as pessoas. E esta necessidade de estar perto das pessoas fê-lo quebrar protocolos, quebrar muitas barreiras porque tinha a preocupação com o homem, a quem ele queria fazer amigo, construtor da paz e do bem.

Esse jeito de ser e estar na fé fez dele um amigo incondicional de Deus e um amigo incondicional do Homem. Toda gente se deu conta disso quando ele esteve aqui, em nossa residência. Apesar de todas as limitações que tínhamos, ele sempre deixou entender que se sentia bem. Ao ponto de, quando ia partir, quis cumprimentar e despedir-se de todas as pessoas que estiveram nos bastidores a trabalhar para o sucesso da sua visita a Cabo Verde. Um gesto

de reconhecimento, de quem dá valor ao trabalho, àquilo que o homem faz de bem.

- O Sr. Bispo diz que ele se aproximou muito das pessoas quando esteve aqui. Isso fez com que, depois, as pessoas se aproximassem mais da Igreja?

- Pelo menos viram nele essa preocupação de anunciar Jesus Cristo, Cristo que depois procuraram. Penso que as pessoas viram que não havia proselitismos nessa visita, que



**“
Esse jeito de ser e
estar na fé fez dele um
amigo incondicional
de Deus e um amigo
incondicional do
Homem.
”**

ele veio na sua bondade para dizer as verdades que tinha que dizer a todos. E as pessoas reconhecem que, realmente, não havia razão para hostilizar um homem daqueles que professava Deus, transmitia Deus. Ele nos deu o exemplo de que a crença em Deus não tem nada que ver com outras coisas. Penso que isto desembarçou muitas pessoas de muitos laços, para poderem estar mais livres. Na minha maneira de ver, ele confirmou na fé e reabilitou na fé muitas pessoas.

- Com a morte de João Paulo II, como o Sr. Bispo vê o futuro da Igreja?

- Com a mesma confiança de que o Espírito Santo vai continuar a dirigir a Igreja através do cristão certo para o momento certo. Será, com certeza, alguém que virá implementar, cada vez mais, o Concílio Vaticano II. Paulo VI já tinha feito esta abordagem com muita força e João Paulo II nem se fala. A implementação do Vaticano II foi a sua grande preocupação, sobretudo no que se refere ao diálogo. Sendo o Vaticano II um Concílio pastoral, fez destacar a necessidade do diálogo com o mundo. Antes disso a Igreja estava, de certa forma, divorciada dos crentes. E apesar de ter gerado aquela situação do Monsenhor Lefebvre que viu no Concílio algo de mau para a Igreja -, o Concílio Vaticano II cuja grande mensagem foi a abertura, o diálogo com o mundo, veio alterar essa realidade.

- E João Paulo II foi o maestro dessa abertura?

- Esta foi a nota predominante do seu trabalho, essa abertura, esse diálogo com todos. Claro que recebeu críticas por ter recebido esse ou aquele no Vaticano - os dirigentes soviéticos, etc, etc - mas ali mostrou que *se é diálogo com todos é diálogo com todos*. E morreu com muita pena de não ter visitado nem a China nem Moscovo. Mas o que é certo é que privilegiou, e de que maneira, o diálogo com todos. Isto na linha do que Deus fez conosco, dialogando conosco através dos profetas, dos patriarcas e de Jesus Cristo. E a encarnação de Jesus Cristo não é, senão, o diálogo que Deus estabelece com os Homens.

João Paulo II traduziu isto da maneira como nós vimos, nas suas viagens, nas suas audiências, nos seus encontros com chefes de Estado. O Homem é o caminho da Igreja e ele entendeu isto muito bem. E quem vier continuará, ao seu jeito, esta obra, que é a mesma, como também são os mesmos os objetivos de levar o Homem a Jesus Cristo. É verdade que cada qual com o seu carisma, à sua maneira.

Apesar de reconhecermos que este foi um homem extraordinário, ímpar, carismático, com uma força indomável e uma fé inquebrantável que o fizeram enfrentar todas as situações ingratas, dolorosas, virá alguém que manifestará isto de outra maneira mas sempre com Jesus Cristo, que deve ser anunciado.

Não vale a pena fazer especulações, porque o Espírito Santo se servirá dos cardeais no Conclave para esse trabalho de ter uma pessoa que dirigirá a Igreja e que será um mensageiro para o mundo, como o foi João Paulo II, numa linha de diálogo, para mostrar aos Homens que o diálogo é que traz a paz, a harmonia, o desenvolvimento e que faz os Homens viverem como gente. Tenho certeza de que quem vem, seguirá na mesma linha de dialogar com Deus, em primeiro lugar, e dialogar com os Homens e mostrar aos Homens que é necessário viver como irmãos e como fabricantes da paz, da harmonia, do bem-estar e da concórdia entre a humanidade toda.

KRIOLIDADI

ENTREVISTA COM D. ARLINDO FURTADO, BISPO DE MINDELO

“Quando João Paulo II foi eleito, a sua vinda a Cabo Verde pareceu-nos natural”



A criação da Diocese do Mindelo, mais de 400 anos após a instalação da Igreja Católica em Cabo Verde, é, para os cabo-verdianos, um dos marcos mais importantes do Pontificado de João Paulo II, segundo D. Arlindo Furtado. Mas para o Bispo de Mindelo, mais importante do que isso, “João Paulo II, como conhecedor da nossa história de povo que sofreu com a escravatura, insistia sempre para lutarmos pela vida com espírito de dignidade e esperança e pela liberdade, com justiça social, lutando contra a pobreza e pela promoção humana”. Daí que, a sua visita a Cabo Verde, em 1990, “pareceu-nos natural”.

ENTREVISTA POR: TERESA SOFIA FORTES

- Qual é o sentimento dos católicos cabo-verdianos perante a morte do Papa João Paulo II ?

- Sentimos que perdemos um homem de grande envergadura, um pai, pastor e guia, um intelectual e teólogo, grande defensor da paz e dos direitos fundamentais da justiça, igualdade e diálogo entre as pessoas. É uma perda não só para os católicos, que viam nele um guia forte, seguro, esclarecido e esclarecedor, mas também para o mundo porque ele procurava que os responsáveis das nações se entendessem e os problemas humanos fossem resolvidos pelo diálogo e não à força das armas, porque a violência não conduz a nada de positivo. Ao mesmo tempo, temos um sentimento de gratidão por tudo aquilo que ele foi capaz e quis fazer pela Igreja e pelo bem da Humanidade.

- Conheceu pessoalmente o Sumo Pontífice?

- Sim, tive quatro oportunidades de estar com ele, as três primeiras quando ele estava em pleno gozo do seu vigor, ainda estava eu em Roma, e a última vez no passado mês de Setembro, quando ele já estava muito debilitado. Para mim foi muito edificante e marcou-me para o resto da minha vida.

- Qual foi a impressão que o Papa polaco causou-lhe no primeiro encontro?

- O nosso primeiro encontro teve lugar na capela particular do Papa, onde estive com ele em oração, numa celebração, e mais tarde numa conversa particular. A sua força espiritual e a intensidade da relação que ele tinha com Deus, aliás, é daí que lhe vinha a força para enfrentar tudo com coragem, confiança e a lucidez necessária para lutar e vencer com outros aliados do Bem e da Verdade, causaram um forte impacto em mim.

- João Paulo II visitou Cabo Verde em 1990, num ambiente de grande euforia. Essa visita, exactamente naquela altura, surpreendeu de alguma forma a Igreja Católica de Cabo Verde?

- Eu não vivi directamente a experiência da vinda dele a Cabo Verde, porque nessa altura encontrava-me em Roma, mas acompanhei tudo pela televisão. De certo modo, a visita de João

Paulo II ao nosso país constituiu uma surpresa porque, no meu tempo de adolescente e jovem, nos parecia impossível Cabo Verde acolher a visita de um Papa. Mas, com a chegada de João Paulo II, isto se tornou possível, porque ele

revolucionou o estilo de papado, até pelo nome escolhido. Paulo era o apóstolo das gentes, que ia às comunidades e aos lugares mais remotos para estabelecer comunidades cristãs. João Paulo II foi Papa em 1978, e já em 1990, por ocasião da visita a Cabo Verde, já nos tinha habituado ao seu estilo peregrino, pelo que a sua vinda pareceu também natural.

- Quão importante foi essa visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde, o que ganhamos com ela?

- As visitas dele sempre revigoram as comunidades cristãs. Para os católicos, ele é o chefe, o líder maior no mundo, representante de Cristo, e nos estimula com o seu exemplo e a sua própria vida. João Paulo II era um homem forte não só em pensamentos e palavras, mas sobretudo pela sua personalidade, que deixava passar um fluxo especial para as pessoas. A comunidade cristã de Cabo Verde sentiu-se, por isso, muito mais forte com a sua visita e, por outro lado, os cristãos que na altura estavam arreificados na fé deixaram-se tocar pelo seu exemplo. E a sociedade em geral e mesmo muitos dos políticos cabo-verdianos que tiveram a oportunidade em 1990 de conviver com o Papa João Paulo II foram influenciados pela positividade da sua mensagem.

- Conhecia o Papa João Paulo II a realidade cabo-verdiana, a nossa cultura, a nossa música?

- João Paulo II era o homem do mundo o mais bem informado. De cinco em cinco anos, ele se reunia pessoalmente com cada um dos bispos para falar de tudo, pois ele tinha uma grande facilidade em falar várias línguas, inclusive o português. Mas cada ano, os bispos mandam relatórios circunstanciados para Roma e ele, procurava estar sempre informado sobre cada país. Além disso, antes de efectuar uma visita, além da informação habitual que ele tinha dos países e dioceses, trabalhava com certos conselheiros, especialistas em diferentes áreas, de modo a estar familiarizado com a realidade socio-cultural, eclesial e económica de cada país.

- Do conhecimento que ele tinha de Cabo Verde, o que ele destacava?

- João Paulo II percebia perfeitamente as dificuldades de sobrevivência dos cabo-verdianos devido à pobreza. Ele conhecia muito bem a nossa história e, então, passava-nos a mensagem de nos libertarmos da timidez, uma vez que os povos que têm a experiência da escravatura como nós correm o risco de ficar marcados por certo complexo, certa resignação em aprender coisas novas, com ousadia e espírito de igualdade. Das vezes que me encontrei com ele, ele insistia sempre neste ponto, no sentido de lutarmos pela vida com espírito de dignidade e esperança e pela liberdade, com justiça social, lutando contra a pobreza e pela promoção humana.

KRIOLIDADI



- E qual é, na sua opinião, o legado que João Paulo II deixa?

- Ele ajudou a reforçar a consciência da importância da Igreja como principal responsável para levar a mensagem de Jesus Cristo, Deus feito homem, Homem Perfeito, modelo para todo o homem, com toda a dedicação e entrega como aliás ele próprio, João Paulo II, fez. Ao mundo ele mostrou que o caminho da paz e da felicidade é o diálogo, o entendimento, a justiça e a verdade. Ele foi um grande defensor da vida, da promoção humana, um lutador contra a pobreza. A África Saheliana ficou muito marcada pelo seu trabalho, pois até foi criada uma organização com o seu nome para financiar projectos de desenvolvimento, sobretudo daqueles que vivem na zona rural, para poderem não só terem uma profissão que os ajude a ter um futuro, mas também para que ajudem a sociedade a crescer. É um homem extraordinário que, com a sua morte, mexeu com pessoas de todos os quadrantes.

- Qual o papel que João Paulo II desempenhou na criação da Diocese de Mindelo, agora dirigido por D. Arlindo Furtado?

- Naturalmente, isso dependeu directamente dele. Como homem atento que era, com uma grande experiência pastoral - ele desde que era jovem sacerdote lidou com muitas situações no seu ministério sacerdotal - ao visitar Cabo Verde, um país de ilhas, divididas entre o Norte e o Sul, mas tendo cristãos empenhados no trabalho de Deus, percebeu que as coisas poderiam ser melhoradas com a criação de uma nova diocese. Agora, para isso era preciso serem criadas condições e, naturalmente, junto com os seus colaboradores terá estudado a possibilidade e na altura própria criou a Diocese de Mindelo. É o legado dele, uma obra pessoal também dele e que marca a nossa história, a criação de uma outra diocese em Cabo Verde passados mais de quatrocentos anos.

- O ministério de João Paulo II ficou também marcado pelas suas acções ecuménicas, no sentido de aproximar as diferentes religiões, em particular os diferentes ramos do cristianismo. D. Arlindo Furtado sente que essa sua campanha teve reflexos positivos em Cabo Verde?

- Naturalmente, desde o Concílio de que ele fez parte como protagonista activo, a Igreja se abriu para outras manifestações religiosas e expressões de fé, sobretudo para aqueles com quem professa o mesmo Deus - como o Islamismo e o Judaísmo - e para aqueles que acreditam no mesmo Jesus Cristo. Ele se empenhou pessoalmente nessa missão. Mas esta é uma área em que, devido à carga histórica, as mudanças se processam muito lentamente. Primeiro, é preciso abrir as mentes, estabelecer contactos. Acontece que em Cabo Verde, a maior parte dos grupos religiosos cristãos não pertencem ao chamado Movimento Ecuménico, o que torna tudo mais difícil. Esses grupos que pertencem ao Movimento têm regras comuns de diálogo e de acção, o que facilita

o entendimento. Mas isso também depende muito da capacidade de aproximação das pessoas e em Cabo Verde as pessoas se conhecem e há bom relacionamento entre os responsáveis da Igreja Católica e os pastores das igrejas evangélicas, em alguns casos existem até relações de muita amizade e proximidade entre eles. E acredito que em pouco tempo poderá acontecer algum tipo de actividade em comum, sobretudo na área social. Na área propriamente cultural ou religiosa, seria preciso que houvesse algumas orientações comuns para não criarmos facilmente confusões que poderiam embarçar as pessoas.

- Alguns analistas internacionais, ao traçarem o perfil de João Paulo II, consideram-no um progressista no domínio social, mas um ortodoxo moral. Acha que essa análise fez eco na sociedade cabo-verdiana?

- É possível que tenha feito eco. Mas, para fazermos uma análise de uma figura como João Paulo II, é preciso que nós nos púnhamos no mesmo horizonte que ele, ou seja, analisá-lo do ponto de vista cristão. A moral não depende do Papa. Nós temos referências claras nas Santas Escrituras de que não se pode eliminar uma vida, isso é taxativo. No campo da sexualidade, a Bíblia manda guardar a castidade de pensamentos, desejos, obras e palavras. Isto é o mandamento da Lei de Deus, não é questionável. Quanto ao casamento e à família, Cristo disse: *"aquilo que Deus uniu, não separe o homem"*. São coisas exigentes e duras para a mentalidade moderna, que procura sobretudo as conveniências e aquilo que lhe agrada e parece lógico, pragmático, mas esses preceitos procedem das Escrituras e nós não os podemos alterar. Somos cristãos e aceitamos, mas se não somos podemos sentir dificuldades em assumir tais leis. O Papa é neste aspecto moral considerado ultra-conservador porque é um homem de convicção, franco, e assim tinha que ser como pastor que era. E os pastores têm que ser assim, ter ideias claras. Se alguém transgredir, fica de consciência clara de que não foi enganado, ele é que transgrediu e não foi capaz de cumprir as regras. Uma coisa é a atitude ideal, outra é a atitude de Deus para com as pessoas. O papel da Igreja do Papa não é condenar as pessoas, mas orientar as pessoas para seguirem aquilo que Cristo manda e acreditarmos que se falharmos Cristo é misericordioso para nos perdoar.

- Um dos grandes dons de João Paulo II era a sua capacidade de congregar os jovens à sua volta. Tendo em conta que a Igreja Católica tem enfrentando uma debandada e o problema de falta de vocações, o grande desafio que se coloca ao sucessor de João Paulo II é exactamente esse, conseguir conquistar mais jovens?

- Sim, isso é fundamental. Cada um tem o seu estilo próprio, mas é essencial ao próximo Papa fazer passar a mensagem cristã para os jovens. Mas além da Igreja Universal, é preciso que, a nível local, os bispos e os padres dêem atenção aos jovens. Eles

são a maioria da população do mundo e dos cristãos. Como eles estão na fase de formação e, como o próprio Papa João Paulo II dizia, no período de fazerem opções decisivas para a vida, a luz de Cristo tem que estar com eles. Nós acreditamos como cristãos que Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida e, por isso, seja qual for a opção de vida que tomarmos e a área da nossa actividade profissional, a luz de Cristo deve estar presente para nos iluminar e ajudar a fazer com perfeição aquilo que nós escolhermos para a nossa realização pessoal, mas também com a dimensão social para o bem da comunidade. A pastoral juvenil é, portanto, fundamental para a Igreja, sobretudo nesta época da história.

- Cabo Verde também está de luto pela morte de João Paulo II, não só a nível institucional, mas a própria sociedade está a viver profundamente o acontecimento. Que mensagem quer deixar para os cabo-verdianos?

- A minha mensagem para todos os meus compatriotas e irmãos cabo-verdianos, e não só, é que o Papa João Paulo II fez muito por nós. Sentimos a falta dele por ter partido para estar junto do Pai, mas há coisas que têm de acontecer na sua hora, e assim foi com ele, cumpriu o seu papel. Não vamos ficar agora a lamentar o passado. Agradecemos a João Paulo II e a Deus por ele, e cultivamos a esperança de nós, da nossa parte, continuar a fazer crescer e a partilhar a mensagem e o exemplo de vida que João Paulo II nos deixou a todos. Por outro lado, devemos rezar e acreditar que o próximo Papa, que será certamente diferente, vai estar à altura das exigências da Igreja e do mundo de hoje para, de certo modo, completar e dar continuidade ao impulso que precisamos para o nosso crescimento contínuo.

- D. Arlindo acredita, como se está a veicular na comunicação social internacional, que existe a possibilidade de o próximo Papa ser originário de um país do Terceiro Mundo, por exemplo, do Brasil ou de África?

- Naturalmente, acredito na possibilidade. Mas é difícil fazer uma previsão. Os cardeais são pessoas bem informadas a respeito da situação actual do mundo e da Igreja, e conhecem-se, de alguma forma, entre si. Estão em condições de ajuizarem de uma forma sensível e objectiva quem estará em condições de fazer um trabalho muito bom para a Igreja. Acreditamos que o Espírito Santo agirá no coração, na consciência e na mente de cada um, de modo que o fruto final será aquilo que Deus quiser.



É o legado dele, uma obra pessoal também dele e que marca a nossa história, a criação de uma outra diocese em Cabo Verde passados mais de quatrocentos anos.